

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Vivemos um mundo de velocidade e transformações. Algumas são pequenas e cotidianas, mas seus impactos são amplos. Como um celular, que hoje nos conecta a todo momento do dia, por exemplo. Ou a realidade da globalização da cultura e dos problemas sociais.

Existe uma relação direta entre os espaços de produção do conhecimento nas ciências humanas e a constituição de uma racionalidade científica sobre a realidade social, seus problemas e espaços. É ponto pacífico, pela própria fluidez de nossa relação com o tempo e com o “estudo dos homens no tempo”, para usar uma expressão de Marc Bloch (2002, p. 55), que o conhecimento e a racionalidade não têm uma natureza linear e única, mas antes têm como base uma multiplicidade de possibilidades. Isso porque, nossa relação com o conhecimento é fundada na proximidade constante de experiências, na compreensão que são as questões do presente o grande títere do passado enquanto um espaço gerador de sentido para as diferentes vivências. Esse dinamismo inerente ao saber histórico traz consigo a multiplicidade de narrativas e construções presentes e ativas na sociedade.

Assim, na reflexão sobre o conhecimento, sua natureza e o espaço que ocupa em sociedade há um espaço importante a ser ocupado: o espaço de “auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, suas fontes, suas possibilidades e suas tecnologias. Assim, as transformações e velocidades do mundo, dos objetos e do real, também dialogam com a produção da pesquisa, do trabalho com as fontes e as possibilidades de conhecimento que se abrem e se apresentam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O IMPACTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA IDENTIDADE DOCENTE	
Bárbara Regina Gonçalves Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.7812009091	
CAPÍTULO 2	15
PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!	
Flavia de Oliveira Barreto	
Fleudya Benigno Lopes Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.7812009092	
CAPÍTULO 3	28
A INFLUÊNCIA DAS <i>SELFIES</i> NO PROCESSO IDENTITÁRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE PORTÃO / RS	
Daiane Fontes	
Jaqueline da Silva Torres Cardoso	
Sandra Maria Costa dos Passos Colling	
DOI 10.22533/at.ed.7812009093	
CAPÍTULO 4	40
PERFIL SOCIAL E PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE URUÇUI - PIAUÍ	
Rute Sousa do Nascimento	
Anna Walléria Borges de Araújo	
Iago Costa de Oliveira	
Marcílio Macêdo Vieira	
Miguel Antonio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.7812009094	
CAPÍTULO 5	52
MARCOS REGULATÓRIOS DA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL	
Mirian Rocha de Almeida	
Luís Alberto Lourenço de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7812009095	
CAPÍTULO 6	78
APRENDIZAJE COMPLEJO MEDIADO POR TIC PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS VENEZOLANOS	
Hebert Elias Lobo Sosa	
Ana Carolina Pacheco Millán	
Jesús Ramón Briceño Barrios	
Manuel Antonio Villarreal Uzcátegui	
DOI 10.22533/at.ed.7812009096	

CAPÍTULO 7	97
O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
DOI 10.22533/at.ed.7812009097	
CAPÍTULO 8	109
CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA	
William Bueno Rebouças	
DOI 10.22533/at.ed.7812009098	
CAPÍTULO 9	128
REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NAScer NA AMÉRICA LATINA	
Nayara de Lima Monteiro	
Luciana Patrícia Zucco	
DOI 10.22533/at.ed.7812009099	
CAPÍTULO 10	144
(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
João Batista de Almeida Costa	
DOI 10.22533/at.ed.78120090910	
CAPÍTULO 11	158
MISS GAY – CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA-MG	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini	
José Serafim Bertoloto	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090911	
CAPÍTULO 12	163
GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: A INTERSECÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Ketlenn Franciellen Oliveira de Lima	
Maysa Araújo Rodrigues	
Monique Kelly dos Santos Nascimento	
Maria Cinéria dos Santos Viana	
Mairianne Pereira de Moraes	
Cristiane Maria Alves Martins	
DOI 10.22533/at.ed.78120090912	

CAPÍTULO 13..... 173

**IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO E HOMOFOBIA CONTRA POPULAÇÃO
LGBT+ NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Tamires Alves Dias
Josefa Iara Alves Bezerra
Stéffane Costa Mendes
Caroline da Silva Souza
Daiana de Freitas Pinheiro
Mariana Cordeiro da Silva
Milena Silva Ferreira
Teodoro Marcelino da Silva
Andreza Vitor da Silva
Antonio Wellington Vieira Mendes
Kadson Araujo da Silva
Samara Calixto Gomes

DOI 10.22533/at.ed.78120090913

CAPÍTULO 14..... 179

**O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA
PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL**

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto
Eliane Martins de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.78120090914

CAPÍTULO 15..... 193

**FASCISMO E COMUNISMO NO BRASIL DE 2018: O EMPREGO DE CONCEITOS
EXTREMOS NO PAPEL DA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO**

Vinicius Ribeiro Sampaio
Felipe Sampaio de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.78120090915

CAPÍTULO 16..... 200

A NOVA ROUPAGEM DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Beatriz Leal de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.78120090916

CAPÍTULO 17..... 213

**DEPRESSÃO, RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E
COMPENSAÇÃO: UM ESTUDO COM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE IVOTI/RS**

Camila Koren Chiappini
Anna Regina Grings Barcelos
Andrea Varisco Dani
Raquel Maria Rossi Wosiack
Martina Dillenburg Scur
Geraldine Alves dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.78120090917

CAPÍTULO 18.....	222
AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E FENÓIS TOTAIS EM CERVEJAS ARTESANAIS COMERCIALIZADAS EM SOBRAL-CE	
Murilo Sérgio da Silva Julião	
Letícia Kelly Mesquita Rodrigues	
Lúcia Betânia da Silva Andrade	
Hélcio Silva Santos	
Alexandre Magno Rodrigues Teixeira	
Leopoldo Gondim Neto	
DOI 10.22533/at.ed.78120090918	
CAPÍTULO 19.....	237
O TURISMO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO SUL	
Janderlei Velasque Dal Osto	
Lucas Mauricio Willecker dos Santos	
Bruno Ribeiro de Oliveira	
Rafael Dezordi	
DOI 10.22533/at.ed.78120090919	
CAPÍTULO 20.....	249
DIREITO PENAL DO INIMIGO NO ÂMBITO DA PRISÃO PREVENTIVA	
Carlos Eduardo Monteiro de Paiva	
Alexandre Pinto Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.78120090920	
CAPÍTULO 21.....	258
DISCURSOS VISUAIS QUE O GRAFITE REVELA NA/DA CULTURA CONTEMPORÂNEA	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
José Serafim Bertoloto	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Sílvia Mara Davies	
DOI 10.22533/at.ed.78120090921	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	276
ÍNDICE REMISSIVO.....	277

CAPÍTULO 14

O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto

Universidade Federal de Goiás
Goiânia-Goiás

<http://lattes.cnpq.br/7064523336036774>

Eliane Martins de Freitas

Universidade Federal de Catalão
Catalão-Goiás

<http://lattes.cnpq.br/4342606698698331>

RESUMO: A partir do jornal *Lampião da Esquina*, analisamos o primeiro *Encontro de Homossexuais Militantes* realizado em 1979 na cidade do Rio de Janeiro. Com base na leitura das reportagens sobre este evento, buscamos identificar, mediante análise da produção historiográfica acerca do tema, as bandeiras programáticas da primeira onda do movimento homossexual no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Gay, *Lampião da Esquina*, Movimento Homossexual, Resistência.

THE MEETING OF MILITARY HOMOSEXUALS (1979) AND THE FLAGS OF THE FIRST WAVE OF THE LGBTI+ MOVEMENT IN BRAZIL

ABSTRACT: From the *Lampião da Esquina* newspaper, we analyzed the first Meeting of Homosexual Militants held in 1979 in the city of Rio de Janeiro. Based on the reading of the

reports on this event, we seek to identify, by analyzing the historiographical production on the theme, the programmatic flags of the first wave of the homosexual movement in Brazil.

KEYWORDS: Gay Press, *Lampião da Esquina*, Homosexual Movement, Resistance

1 | INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as discussões sobre gênero e sexualidades têm ganhado espaço no cenário nacional – seja pelo protagonismo dos movimentos LGBTI+ e feministas, seja pela reação política de setores conservadores. Tal situação permite-nos afirmar que estudos sobre estas temáticas tornam-se urgentes, bem como sua popularização em diversos ambientes sociais. Entre as disputas que envolvem essas discussões, destacamos a apropriação pelo Movimento Escola Sem Partido do discurso de setores ultraconservadores da Igreja Católica, concernente ao que chamam de “ideologia de gênero” (MIGUEL, 2016).

É consenso entre os estudiosos e estudiosas das temáticas de gênero e sexualidades que, nos discursos conservadores, há uma tentativa de esvaziar as demandas políticas postas pelos movimentos LGBTI+ e feministas, ao tratá-los como “agenda moral”. Disso resulta o esvaziamento do posicionamento político e das consequências simbólico-materiais da questão. Faz-se necessário, portanto, desconstruir e combater esses discursos –

emersos nos últimos dez anos – que tentam estabelecer a homossexualidade como um “novo problema social”.

Defendemos que a análise do passado não se esgota nele mesmo, mas trata-se, também, de perceber que os problemas expostos hodiernamente pela comunidade LGBTI+ estão vinculados a um longo processo histórico de exclusão e silenciamento que coibiu a participação dos seus sujeitos no sistema político, social e econômico do País. Assim, localizar historicamente os silenciamentos e o uso sistemático da violência como forma de sustentação deste sistema, possibilita, de um lado, romper o silêncio e atestar a existência de travestis, transexuais, homossexuais, lésbicas e bissexuais ao longo da história, e, de outro lado, interpretar a forma como as lógicas de dominação, de resistência e de violência se reorganizaram no decorrer do tempo. Desse modo, podemos denunciar uma dada construção discursiva e práticas sociais que associam a existência sócio-histórica desses sujeitos apenas a partir da organização de suas demandas nos anos posteriores aos anos 2000.

Interessa-nos, aqui, pensar um evento em particular; o *Encontro de Homossexuais Militantes no Brasil*, ocorrido no Rio de Janeiro em dezembro de 1979. Este acontecimento é singular dentre outros eventos, por reunir os primeiros grupos organizados de homossexuais; por permitir compreender as bases políticas pelas quais se organizavam e por explicitar as suas bandeiras programáticas. De acordo com James Green (2000), as décadas de 1960 e 1970 marcaram uma nova forma do fazer político e de dinâmica de organização e ativismo da comunidade homossexual no Brasil, figurando o que se conhece, atualmente, por “primeira onda” do movimento homossexual brasileiro, que, mais tarde, veio a se denominar Movimento LGBTI+.

É neste sentido que a problemática se fortalece: se, ainda hoje, LGBTI+s lutam contra diversas formas de violência, quais eram, então, as pretensões e as bandeiras dos primeiros grupos para o futuro da comunidade LGBTI+? Acreditamos que este questionamento pode ser parcialmente respondido se considerarmos o *Encontro de Homossexuais Militantes no Brasil*. Para tanto, utilizamos como fonte histórica o jornal *Lampião da Esquina*, cuja 20ª edição, publicada em janeiro de 1980, traz a cobertura do evento.

A metodologia de tratamento da imprensa escrita como fonte para a pesquisa histórica está bem consolidada entre historiadores e historiadoras. O uso da imprensa, em especial, a chamada imprensa alternativa, como é o caso de *Lampião da Esquina*, possibilita acessar valores, modos de vida e disputas políticas que outras fontes não permitiriam ou dificultariam o acesso. Ao analisar diferentes aspectos do jornal *Lampião da Esquina*, como a estética, a distribuição das sessões, o vocabulário e os tipos específicos de reportagem, refletimos sobre um determinado lugar de fala que revela sujeitos históricos, mentalidades sociais e lutas políticas.

2.1 LAMPIÃO DA ESQUINA E O CONTEXTO DOS ANOS 1970

Na historiografia brasileira, é consenso que o movimento homossexual organizado no País emergiu no final da década de 1970, a partir do advento de “grupos de afirmação” em algumas capitais, com maior concentração no eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Portanto, deu-se em um contexto nacional e internacional influenciado pela união da chamada contracultura com o que se convencionou denominar, mais tarde, de crise da consciência juvenil, cujo traço central é a contraposição ao pensamento de esquerda pautado nas violências revolucionárias. Neste momento, observamos, também, a intensificação da globalização e o surgimento das pautas políticas contra a opressão, representadas simbolicamente pelo movimento de maio de 1968, em França.

Os anos 1960-1970 foram, segundo Green (2000):

[...] uma época de revolta política e social. As ideias da contracultura haviam penetrado no Brasil e influenciavam muitos jovens da classe média. Entre os novos desafios aos valores sociais hegemônicos estavam o uso de drogas, uma rejeição à sociedade de consumo — que era promulgada pela política oficial — e a desestabilização dos códigos sexuais, especialmente nas questões da virgindade feminina antes do casamento e da heterossexualidade normativa para homens e mulheres (GREEN, 2000, p. 409).

Para o autor, esta desestabilização dos códigos sexuais permite compreender tanto a agência política dos sujeitos LGBTI+s quanto o estouro da bolha do gueto homossexual. Ou seja, Green (2000) advoga que, no período citado, os homossexuais empreenderam uma ação política totalmente nova, seja pela emergência de grupos organizados, seja pela concepção do fazer política. Esta tese é assumida por grande parte da historiografia brasileira e é fundamental, inclusive, para a compreensão da “segunda onda” do movimento homossexual. De acordo com Trevisan (2000), esta onda seria protagonizada pelo combate ao vírus HIV e à AIDS e pela consequente luta contra a estigmatização da comunidade *gay*, em razão de uma vinculação desta à doença.

Outro fator importante para a compreensão tanto do período quanto do surgimento do movimento homossexual organizado nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro é o *boom* de uma imprensa alternativa, ou imprensa nanica (KUCINSKI, 1991, p. 5). A existência de jornais no espectro político brasileiro de oposição à ditadura representou a emergência de um desejo democrático colocado em cena pelos setores mais tradicionais da esquerda, como os movimentos sindicalistas e os grupos de orientações marxistas e, também, por outros movimentos que se consolidavam naquela década, como é o caso da renovação da luta antirracista, mediante o Movimento Negro Unificado (MNU), os movimentos feministas, o

movimento homossexual e a pauta ecológica.

Neste contexto, nasce o jornal *Lampião da Esquina*, importante veículo de denúncia e de combate no período inicial da transição do regime ditatorial para o democrático, além de ter sido um expressivo símbolo do nascimento do movimento homossexual organizado. O jornal, publicado mensalmente entre 1978 e 1981, funcionou como meio de divulgação de uma nova identidade homossexual emergente do gueto. Esta nova identidade pode ser apreendida, por exemplo, na reapropriação do uso do termo *entendido* para nominar os homossexuais. Green (2000), em seu debate com MacRae (1990), afirma que:

[...] o entendido preferia um termo de definição de sua identidade que refletisse uma persona pública mais resguardada. Além disso, MacRae sugeriu que o entendido adotava um novo comportamento sexual "igualitário", que não imitava a díade ativo/passivo, masculino/feminino associada à interação tradicional, hierárquica, homem/bicha. Portanto, embora o termo entendido tivesse suas origens nos anos [19]40 (ou mesmo antes), como indicam as cartas publicadas em *Homossexualismo masculino*, de Jaime Jorge, o significado e o uso da palavra parecem ter-se alterado nos anos [19]60. Além de ter permanecido como uma expressão utilizada quase que exclusivamente por homossexuais como um código que não continha a mordacidade do termo viado ou até mesmo bicha, ela foi empregada por Hélio como um sinônimo de um homossexual que não assumia um papel de gênero especificamente masculino ou feminino (GREEN, 2000, p. 308).

Em seu editorial/manifesto de 1978, intitulado *Saindo do Gueto*, o jornal *Lampião da Esquina* explicita esse movimento de construção de uma nova identidade homossexual e, também, algumas bandeiras da primeira onda do movimento. O jornal atua, assim, como uma expressão da possível mentalidade dos homossexuais e do movimento organizado daquela época ou, no limite, como exemplar das disputas políticas desses sujeitos, dentro e fora do gueto. As linhas editoriais do jornal expõem, além das denúncias da ditadura militar, as vozes de uma cultura alternativa, seja no cinema, na literatura ou na música. Não seria exagero dizer, portanto, que o jornal serviu como veículo de materialização da mentalidade do *entendido*.

Em suas linhas iniciais, o editorial/manifesto *Saindo do Gueto* dita o que seriam as 41 edições do *Lampião*:

[...] é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, nesse fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria

ter. Para acabar com essa imagem padrão, Lâmpião não pretende soluçar [sic] a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida (LÂMPIÃO DA ESQUINA, 1978, n. 0, p. 2).

Este Editorial, enquanto manifesto e plataforma política do jornal, conclama os homossexuais e as demais minorias – negros, mulheres e indígenas – a saírem do gueto a assumirem uma posição de luta contra as desigualdades e discriminações existentes na sociedade brasileira. Assim, o jornal, quando afirma que homossexuais e demais minorias não eram párias numa sociedade de castas, apresenta a necessidade de ressignificação de identidade e de transformações na sociedade como um todo.

Essa plataforma política explicita aquilo que veio a ser o eixo norteador do surgimento de grupos organizados, o que, por sua vez, possibilitou a realização do Primeiro Encontro de Homossexuais no Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1979. Conforme Facchini (2003), o evento reuniu:

[...] 61 pessoas – 11 lésbicas e 50 *gays* – e nove grupos marcaram presença: SOMOS/RJ; Auê/RJ; SOMOS/SP; Eros/SP; Sorocaba/SP; Beijo Livre/Brasília-DF; Grupo Lésbico Feminista/SP; Liberto/Guarulhos-SP; Grupo de Afirmação Gay/Caxias, RS e mais um representante de Belo Horizonte, MG, futuro fundador do Grupo 3º Ato. Frases como O Movimento Homossexual é Revolucionário e não Apenas Reformista! marcavam a ênfase daquele momento (FACCHINI, 2003, p. 90).

O primeiro grupo a se organizar foi o *SOMOS*, grupo de liberação homossexual de São Paulo surgido em 1978 e considerado, por grande parte da historiografia brasileira, não apenas o pioneiro na politização das questões que envolviam os homossexuais, mas, também, modelo de militância para outros grupos. Facchini (2003) alerta-nos, entretanto, da necessidade de cautela em visar o modelo de militância do *SOMOS* de São Paulo como *modus operandi* de todo movimento homossexual daquele período. Para a autora:

Isso tudo implica um risco, a meu ver bastante sério, de produzir um efeito, a partir do qual, o estilo de militância e as questões específicas do período em que existiu o *SOMOS* acabem se tornando sinônimos de movimento homossexual no Brasil, impedindo a percepção da diversidade de questões e estilos de militância que passaram por estes mais de 20 anos de movimento no Brasil (FACCHINI, 2003, p. 87-88).

O alerta de Facchini (2003) é importante no sentido de evidenciar a heterogeneidade do movimento. No entanto, sem perder isto de vista, é inegável

que o *SOMOS/SP* estabeleceu-se como força hegemônica por ser o primeiro grupo a se organizar e, por vezes, em virtude da sua liderança na discussão sobre homossexualidade no País. Ademais, convém enfatizar que o pioneirismo do grupo paulista propiciou o surgimento de outros grupos no eixo Rio de Janeiro/São Paulo.

3 I O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES DE 1979

O *Lampião da Esquina*, em seu número 20, de janeiro de 1980, traz como manchete de capa o título *Encontro nacional do povo gay*, destinando quatro páginas à cobertura do evento. Para tal, foram designados AS (que supomos tratar-se do jornalista Aguinaldo Silva), o jornalista e crítico de artes Francisco Bittencourt e a poetisa Leila Miccolis.

Os três artigos publicados na Edição n. 20 carregam, como é de se esperar, o estilo e a marca pessoal de cada um dos respectivos autores. Contudo, é possível identificar alguns pontos comuns aos três: o destaque do protagonismo dos *lampiônicos* na idealização do evento; a diversidade dos grupos participantes; a ideia de que se construía uma nova forma de fazer política a partir da especificidade do movimento homossexual brasileiro e, por fim, a necessidade de organização de base, ou seja, de criação de novos grupos em outras cidades do Brasil, atrelada à necessidade de maior articulação nacional entre os grupos existentes – uma das principais pautas do evento.

O artigo de Francisco Bittencourt, intitulado *No Rio, o encontro nacional do povo gueí*, é quase um manifesto político. O autor, a exemplo do que fez nos artigos de crítica de arte publicados no *Lampião* e em outros jornais, tem a preocupação explícita de enfatizar a diferença do fazer político do movimento nascente com o fazer político tradicional, seja dos setores da direita, seja dos setores da esquerda brasileira. Este novo fazer político se caracterizaria não somente por novas práticas, mas, principalmente, pela denúncia da sociedade machista.

O segundo artigo, assinado por AS e intitulado *Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política*, relata o acontecimento pormenorizadamente, descrevendo: o funcionamento do evento; as falas dos representantes dos nove (9) grupos presentes; as propostas discutidas e aprovadas. Ademais, explicita os momentos de tensão ocorridos durante as discussões. Em resumo, esse artigo preocupa-se em descrever as novas práticas de fazer política, pois “[...] aquela não era mais uma reunião em que se pretendia repetir os padrões habituais da política machista” (AS, 1980, p. 9).

Para AS, a tarefa de Leila Miccolis era a focosa. Porém, a poetisa, em seu artigo *Na hora da festa, conosco ninguém pode*, vai muito além disso. Miccolis trata da festa que antecedeu ao encontro, fala/sugere os namoros, mas, acima de tudo,

preocupa-se em analisar a participação feminina, tanto na festa da véspera quanto no encontro do dia 16 de dezembro. Neste sentido, ela problematiza a pequena participação feminina – onze (11) mulheres no total de 61 de participantes – e analisa a atuação da ativista Teka, do Grupo Lésbico Feminista/SP, na direção dos trabalhos do encontro.

Em face da riqueza dos três textos supracitados, bem como dos objetivos do artigo em tela, optamos por analisar mais detalhadamente, neste momento, o artigo de Francisco Bittencourt, deixando para um outro espaço/tempo a análise dos outros dois textos.

De volta ao artigo de Bittencourt, a primeira questão a se levantar está relacionada ao papel que o autor atribui ao *Lampião da Esquina* na idealização do evento. Segundo Bittencourt:

A ideia surgiu pela primeira vez numa das reuniões de pauta deste jornal. Os lampiônicos e os membros do grupo SOMOS/RJ presentes a essa reunião decidiram que tinha chegado a hora de fazer uma tentativa de organizar e expor um conjunto de pontos de vista e de ideias que começa a tomar corpo como resultado do nascimento de grupos ativistas homossexuais por todo o Brasil. E quisemos fazer isso antes que encerrasse a década de [19]70. Isto é, como uma homenagem aos anos que marcaram o início da luta das minorias oprimidas e, especificamente, da política do corpo (BITTENCOURT, 1980, p. 7).

Não estamos questionando se o *Lampião* esteve ou não na idealização do evento ou na sua organização. O que chama a atenção, aqui, é que ele se coloca como porta-voz do nascente movimento organizado, ou seja, situa-se na vanguarda deste. Tal posição vanguardista adotada por Bittencourt expressa sua familiaridade com as organizações de esquerda do período, percebida, também, nos jargões utilizados ao longo do texto.

Sobre a participação dos grupos organizados, Bittencourt informa que:

Os grupos presentes ao encontro formaram-se nos últimos dois anos, alguns deles têm menos de um mês de vida, mas o que mais se notou na reunião foi a preocupação de todos em apresentar um programa bem definido de reivindicações e atividade política (BITTENCOURT, 1980, p. 7).

A alusão de Bittencourt aos grupos presentes no evento indica, sobretudo, que os debates estabelecidos ali expressavam, de alguma forma, os pontos fundamentais para o movimento emergir. Apesar do pouco tempo de vida, de acordo com o artigo, os grupos sabiam exatamente o que queriam em termos do fazer político:

Estamos muito longe, porém, daquele tipo de debate “sério” que caracterizou a juventude dos anos [19]50, ou da visão ingênua do mundo dos jovens dos anos [19]60. Para quem foi temperado na repressão da década que acaba de se encerrar é inaceitável tanto o engodo da política tradicional, que tem por única meta colocar os velhos no poder, como o “deixa pra lá” dos hippies. As gerações atuantes neste momento têm plena consciência de que a seriedade é o último refúgio dos calhordas e por isso não cairão no erro das sufragistas, por exemplo, que ao lutarem por uma causa justa assumiram o ridículo de se masculinizarem para poderem enfrentar o desafio do sistema machista (BITTENCOURT, 1980, p. 7).

Ao salientar a distância entre o movimento compreendido pelos homossexuais brasileiros no final da década de 1970 e movimentos sociais e culturais de anos anteriores, Bittencourt aponta para singularidade do contexto da militância brasileira e, também, latino-americana. Conquanto houvesse inspiração nos movimentos de contracultura da Europa e dos Estados Unidos, havia um peso sob aquela militância que não se aproximava da experiência do hemisfério norte. Estes, surgem como um produto de crítica à esquerda tradicional marcada pelas leituras marxistas hegemônicas no campo da contestação, por exemplo, as leituras trotskistas, stalinistas e maoístas.

Ao distanciar-se destes movimentos, a partir da experiência pautada pelo regime ditatorial em seu cotidiano, os homossexuais tentavam moldar uma resistência específica em seu contexto:

Desta vez, pela primeira vez, um movimento revolucionário não está adotando os maneirismos reacionários para poder sobreviver. Ele fala sua própria linguagem, continua vivendo dentro de seus costumes e, à medida que lhe é aberto um espaço, ocupa-o com sua presença, sem se mascarar do que não é e sem negar a essência de sua natureza (BITTENCOURT, 1980, p. 7).

Esta ode a novas práticas políticas não explora, entretanto, os limites organizativos do próprio movimento; trata-se, em sua maioria, de grupos formados nas capitais paulista e carioca. Tal aspecto aponta para a formação e cristalização de um gueto homossexual nas grandes cidades, haja vista que o movimento homossexual é eminentemente urbano – característica que perdura até os tempos atuais. Paralelamente a esse fato, é prudente considerar, ainda, algumas premissas sobre o entorno do movimento homossexual brasileiro.

Primeiro, é preciso destacar as diferenças na participação do *SOMOS* de São Paulo e do *SOMOS* do Rio de Janeiro. Por vezes, essa dinâmica se estreitou em conflitos internos gerados dentro do próprio jornal *Lampião da Esquina*. A proposta do jornal, apesar do diálogo com os grupos em questão, esteve fortemente ligada à crítica à participação de um ou outro de seus colaboradores dentro destes. Isso

nos leva a considerar que se a fala do *Lampião* é precisa, ela é, também, relativa e parcial e, como qualquer fonte histórica, deve ser verificada e analisada de forma crítica.

Por outro lado, para iniciar a análise das bandeiras apresentadas, é necessário destacar as aproximações entre os diversos movimentos de identidade e de luta contra a opressão da época. Se, por uma perspectiva, em torno das minorias, o *Lampião* daria voz a índios, negros e mulheres, além dos homossexuais, por outro, haveria uma perspectiva dentro dos grupos de militância que seguiam na medida as práticas do movimento feminista – grupo vanguardista na discussão do corpo, dos papéis de gênero e de sexualidade. Destarte, não é coincidência a seguinte afirmativa de Francisco Bittencourt:

Transformada em território livre do movimento guei, a Sala Hélio Beltrão permaneceu sob estrita vigilância todo esse tempo para que nela não entrassem heterossexuais, sob qualquer pretexto. (Dois desprevenidos vendedores de mate gelado e cafezinho que chegaram até a porta terão ficado perplexos com, o digamos assim, inusitado dos debates, ainda mais se os compararam com a sessão de uma igreja protestante que se realizava ao mesmo tempo no auditório do nono andar) (BITTENCOURT, 1980, p. 7).

A participação voltada apenas para o grupo dos homossexuais indica, em primeiro lugar, uma tentativa de afirmação de um espaço seguro. A produção deste lugar, tem inspiração no *modus operandi* do movimento feminista do período. Criar espaços para que as vivências, trocas e experiências se estabelecessem significava neste contexto, sobretudo, a garantia de uso da fala sem que sua problemática específica – a de ser um homossexual no Brasil ditatorial – fosse colocada em segundo plano.

A aproximação entre os modos de resistência dos dois movimentos, homossexual e feminista, explicita-se, também, em outro trecho do artigo de Bittencourt:

Isso está acontecendo com os movimentos dos negros, das mulheres e agora dos homossexuais. Será, portanto, muito difícil combater tais movimentos - seus argumentos e suas armas pertencem a um universo novo e desconhecido do sistema, que ele não consegue caricaturar. Isso é totalmente diferente do que aconteceu com os hippies, por exemplo, cuja proposta de civilização foi parar na mesa dos futurólogos do Hudson Institute e saiu dali pronta para ser consumida pela chamada grande sociedade como mais um produto altamente comestível. Tal coisa não poderá ocorrer com o atual movimento de minorias oprimidas porque, nas suas raízes, esse movimento é revolucionário (e não simplesmente reformista), quer mudar o esquema do poder, tem uma visão que difere totalmente tanto da direita como da esquerda, sendo portanto indigesto por qualquer lado que queira consumi-lo. Para aceitá-lo, os regimes modernos, de direita ou de

esquerda, terão de modificar-se na essência, acabando com tudo o que há dentro deles de reacionário e perverso. E para destruí-lo, se chegarem a esse extremo, estarão praticando genocídio, pois pela primeira vez na história têm pela frente uma revolução desarmada (BITTENCOURT, 1980, p. 7).

Neste ponto, o jornalista do *Lampião*, quando fala do sentimento proposto no encontro, demonstra uma preocupação existente no movimento LGBTI+, a qual perdura hodiernamente, ainda mais ressaltada: a força do neoliberalismo em transformar o homossexual, e tudo o que a ele se relaciona, numa espécie de mercado de nicho, como ocorreu no caso dos *hippies*, nos Estados Unidos, a partir da crise de consciência juvenil. Exemplo disso é o alerta de Peter Drucker (2017) sobre o processo de mercantilização da causa LGBTI+ nos dias atuais:

Em meados dos anos 1970, entretanto, os anti-machos, em grande medida, perderam terreno entre os ativistas gays. O movimento começou a marginalizar e excluir os dissidentes de gênero. Hoje, as vidas LGBTI+ e as lutas têm de ser situadas no contexto do neoliberalismo, o período específico do capitalismo no qual o mundo se encontra por mais de trinta anos. As décadas de privatização neoliberal e de desregulamentação foram também as décadas do que Alan Sears chamou de “desregulamentação moral”, quando algumas restrições sexuais que atuavam como barreiras à acumulação do capital foram removidas. Isto facilitou a proliferação de boates, bares, saunas (para homens gays e bissexuais), publicações, chats, etc. LGBTs. Novos nichos de mercado gays e lésbicos se tornaram o centro dinâmico de espaços nos quais homens e mulheres pudessem explorar, exercer e celebrar seus desejos pelo mesmo sexo (DRUCKER, 2017, p. 203).

Em suma, uma das bandeiras, que também era do *Lampião*, possuía duas faces. A primeira, tinha uma perspectiva de integração social e, conseqüentemente, de possibilidade de vivência nos espaços públicos. A segunda, em sua contradição, revelava impressão de uma identidade homossexual que permitia a agregação destes sujeitos por vias de um capital cultural e poder aquisitivo suficiente, como forma de se desculpar por não manter uma reprodução heteronormativa da ordem do capital. Esta última faceta, revela também a origem social de boa parte dessa militância homossexual.

Ao mesmo tempo que Bittencourt tentava dar conta daquilo que se passou no evento, o jornal exibia, na íntegra, as resoluções do Encontro. A primeira destinava-se à criação de um novo encontro em julho de 1980.

[...] Congresso estadual, julho de 1980, São Paulo: 1 – visando organizar a atuação dos grupos existentes, criando um elo de ligação efetivo entre os trabalhos dos diversos grupos; 2 – estimular a criação de novos grupos, em cidades onde eles ainda não existam (um elemento de uma cidade, estando sozinho poderia entrar em contato conosco e a partir deste contato discutiríamos uma forma de abordagem

organizativa para tal cidade: peça teatral, recital de poesia, debate em faculdade, palestras etc.); entendemos que existem mil outros temas para um congresso, porém ressaltamos a nossa proposta para o momento em caráter eminentemente organizativo (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1980, n. 20, p. 8).

As Resoluções do encontro foram apresentadas a partir do texto base do grupo *Libertos*, o único a preparar uma carta impressa com suas propostas. O que importa, aqui, é destacar as formas pensadas como propiciadoras do nascimento de novos grupos. A perspectiva deste grupo, assim como a do *SOMOS* de São Paulo e, por muitas vezes, do próprio *Lampião*, explicita a relação dialética desta nova esquerda com o surgimento destes novos movimentos.

A escolha pela cultura, por peças teatrais, entre outras expressões artísticas, possibilitou uma aproximação histórica menos estranha. Dessa forma, o movimento homossexual nascente agiu, por vezes, como uma política de exclusão. O acesso a todos esses meios, em que se exige um capital cultural, é, ao mesmo tempo, espaço de contradição para quem, por vezes, possui um corpo político exaurido pelo cotidiano. A isso devem-se perceber as historicidades.

A crise política, causada pela Guerra Fria e sua bipolarização, a instauração de governos ditatoriais na América Latina e os problemas de inflação possibilitaram, em contradição, uma contracultura que foi, em grande parte, vivida pela classe média do País. Esses aspectos, quando levados em conta, somam-se à questão do financiamento do próprio *Lampião da Esquina* e a sua perspectiva de uma nova identidade homossexual.

Deste modo, ao passo que estouravam a bolha e resistiam à ditadura, a contradição estava posta. O cenário de formação desse movimento se dá em um contexto histórico no qual, para esquerda, a homossexualidade é um desvio causado por traços burgueses e, por outro, pela direita, é considerada um dos frutos do comunismo. Ser entendido e a utilização da cultura como uma dinâmica de desenvolvimento da resistência proporcionou a existência de um movimento homossexual que, possivelmente, não chegava aos outros setores populacionais, tampouco dava conta de temáticas que não estivessem relacionadas com as grandes cidades e os grandes guetos.

Voltando a Bittencourt, o artigo do autor apresenta, ainda, outras duas propostas do grupo *Libertos* que se associam a uma dinâmica já mencionada aqui; a da aproximação do *modus operandi* com os grupos feministas.

Criação de um grupo de mobilização: grupo permanente, integrado por dois elementos de cada grupo formado, mais os de novos grupos que venham a surgir, para dar sequência às resoluções do congresso e mobilizar todos os grupos em cima de ações práticas abrangentes: passeatas, atos públicos, campanhas, etc. Trabalhos

práticos imediatos: troca de experiências e informações: debater mais detalhadamente formas de trabalho prático; aprimorar o trabalho social nos grupos (advogados, médicos, incentivo à pesquisa, etc.); ampliação das atividades culturais nos grupos e no geral: filmes, peças, poesias; apresentações de filmes/peças/livros, especialmente para os grupos debaterem o tema, principalmente quando os mais diretamente interessados somos nós: caderno de informação, onde seriam abordados de forma leve e informativa os principais problemas dos homossexuais (repressão e discriminação, doenças venéreas) em linguagem fácil, onde também se conclame as pessoas a participarem de algum grupo, colocando uma forma de contato: discutir uma forma de na prática ampliar o trabalho de conscientização do homossexual através da união com outros grupos que levam semelhante tipo de trabalho (Jornal do Gay Corydon e outros), pois existem pontos comuns e em comum. (LAMPIÃO DA ESQUINA, n. 20, p. 9).

Vale lembrar, ainda, a problemática levantada por Facchini (2003) no início do presente texto e, a partir dela, buscar compreender esta contradição. A constante perspectiva em considerar a organização pioneira do *SOMOS* de São Paulo e a utilização do *Lampião da Esquina*, por vezes, não se atenta para a diversidade do movimento homossexual. Um movimento nascente, assim como qualquer outro, não era coeso, o envolvimento político dos ativistas não era novo e, em parte, vinha da não aceitação destes sujeitos em outros setores da velha esquerda.

Para além disso, Facchini (2003, p. 90-91) destaca que, entre as resoluções comuns, houve discussões sobre o respeito à “opção sexual” na Constituição Federal e o início da luta sobre a retirada da homossexualidade da lista de doenças mentais. A autora destaca ainda a decisão sobre um novo encontro foi aceita:

Em 1980 ocorria, de 4 a 6 de abril, na cidade de São Paulo, o 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) que foi fechado para grupos homossexuais e seus convidados, e o 1º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO). De acordo com MacRae, compareceram cerca de 200 pessoas à parte fechada do encontro, o 1º EGHO, integrantes e convidados dos grupos Auê, RJ; SOMOS, SP; Eros, SP; Libertos, Guarulhos, SP; SOMOS, Sorocaba, SP; Beijo Livre, Brasília, DF, além de representantes de Belo Horizonte, MG, Vitória, ES, Goiânia, GO, Curitiba, PR e uma comissão de representantes do jornal *Lampião da Esquina*. Ao 1º EBHO, à parte aberta, compareceram cerca de 600 pessoas (FACCHINI, 2003, p. 91).

Esse cenário mostra, por último, uma relativa ausência de estudos acadêmicos sobre estes encontros. É preciso, cada vez mais, deslocar-se no tempo, na perspectiva de defender a memória de grupos que a história oficial relegou ao silêncio, à inexistência. É neste sentido que se inseriu essa perspectiva de análise histórica sobre o encontro de homossexuais de 1979.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento homossexual brasileiro tem de ser compreendido como amplo e diverso. No entanto, essa diversidade tem sido, ainda hoje, ameaçada por um projeto que elege uma determinada memória do movimento homossexual. As bandeiras hasteadas no primeiro encontro brasileiro dos militantes não representam, por assim dizer, características fixas do movimento homossexual.

Fato é que, nas linhas do *Lampião da Esquina*, a análise possível sobre as características a serem norteadoras para o movimento seriam, de fato, um processo dos sujeitos marginais serem assimilados pela sociedade. O movimento ainda agia com uma práxis que tentava se destacar entre a mentalidade das esquerdas e da direita, em que a homossexualidade e as outras sexualidades dissidentes não tinham um espaço.

Cabe destacar, ademais, que, no âmbito das bandeiras do movimento, estão as semelhanças do modo de enxergar a sua condição no mundo. A esse modo político de encarar o próprio encontro dos homossexuais assemelham-se as formas de organização de um movimento anterior à militância LGBTI+; o movimento feminista.

Ao que tudo indica, a direção do movimento homossexual era de incluir na sociedade o papel de um sujeito que se desvincula do gueto e se incorpora na sociedade não cedendo a formas específicas desta sociedade, mas inserindo a si e a uma cultura produzida por si.

Devemos considerar, também, o movimento homossexual brasileiro de primeira onda como um característico grupo de uma classe específica. As formas políticas, por meio da cultura, postas no Encontro e nas linhas do *Lampião da Esquina*, serviram como fator comum na imersão do papel do entendido, uma identidade homossexual que, para ser aceita pela sociedade, utilizava-se de um capital cultural que se encaixava no padrão heteronormativo da classe média brasileira da época.

A busca pela identidade “aceitável” na ordem heteronormativa, o entendido, alimentou um processo ampliado na segunda e na terceira onda do movimento homossexual, contribuindo para perpetuação de uma dada ótica sistêmica do sexo. Drucker (2017, p. 215) aponta que, neste caso, a saída e a libertação completa dos LGBTI+s, no momento atual, dependem da radicalização em massa e de uma política *queer* compromissada com a revolução social.

REFERÊNCIAS

EDITORIAL. Saindo do Gueto. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, n. 0, p. 2, 1978. Disponível em: < <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

AS. Seis horas de tensão, alegria e diálogo: é a nossa política. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, n. 20, p.8-9, 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

BITTENCOURT, Francisco. No Rio, encontro nacional do povo guei. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, n. 20, p. 7, 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>.

Acesso em: 02 jun. 2020.

MICCOLIS, Leila. Na hora da festa, conosco ninguém pode. **Lampião da Esquina**. Rio de Janeiro, n. 20, pp. 9-10, 1980. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2019/04/01-LAMPIAO-EDICAO-00-ABRIL-1978.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

DRUCKER, Peter. A normalidade gay e a transformação queer. **Cadernos Cemarx**, Campinas, v. 10, p. 197-217, 2017. Anual. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10927/6204>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, Campinas, v. 10, n. 18, p. 80-117, 2003. Anual. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510/1920>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

GREEN, James N. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Edusp, 1991.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil de abertura**. Campinas: UNICAMP, 1990.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordada no parlamento brasileiro. **Revista Direito & Práxis**. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 15, 2016, p. 590-621. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/revistaceaju/article/view/25163/18213>> Acesso em: 02 jun. 2020.

TREVISAN, João. **Devassos no Paraíso**. São Paulo: Editorial Record, 2000. 588. p. (1ª edição de 1986)

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aperfeiçoamento 40, 45, 46, 72

Aprendizagem complexa 78, 79

B

Brasileiro nativo 144

C

Cariri Cearense 128, 129, 130, 133, 134, 139

Conquista 1, 5, 17, 144, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 174

D

Decolonialidade 128, 132, 133, 142, 144, 145, 151, 155

Diretrizes curriculares nacionais 52, 53, 56, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

Diversidade de gênero 163, 166

Diversidade sexual 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 35, 40, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 78, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 118, 120, 121, 141, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 200, 211, 220, 221, 239, 246, 276

Ensino de psicologia 52

Erveiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 140, 141

Escola 4, 9, 14, 19, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 58, 75, 100, 102, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 192, 244, 257, 274, 275

Estudantes 4, 15, 22, 28, 30, 31, 38, 62, 71, 78, 79, 110, 114, 167

F

Formação 1, 3, 4, 5, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 97, 98, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 130, 138, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 186, 189, 194, 196, 204, 207, 210

Formação do psicólogo 52, 54, 57, 63, 72, 76, 77

H

Homofobia 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178

I

Identidade 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 68, 99, 103, 105, 126, 131, 133, 134, 176, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 192, 210, 265

Identidade docente 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12

Imaginário 28, 34, 35, 36, 38, 39, 147, 158, 159, 160, 161, 168, 195, 260, 261, 263, 264, 267, 271, 273, 275

Inclusão 15, 17, 40, 43, 47, 50, 51, 109, 111, 124, 166, 167, 175, 215

M

Modalidade à distância 1

N

Narrativas 28, 31, 34, 104, 108, 136, 140, 145, 149, 151, 154

P

Parteiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 142

Pensamento complexo 79

Políticas 163, 166

População LGBTQ+ 173

Processo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 28, 35, 36, 37, 42, 48, 50, 53, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 112, 116, 117, 123, 128, 129, 131, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 180, 188, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 214, 216, 217, 218, 219, 246, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 262, 267

Psicologia 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 115, 178, 218, 220

R

Reconfiguração 1, 3, 4, 11, 101

Rezadeiras 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

S

Selfie 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

T

TIC 2, 12, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Trabalho docente 1, 2, 3, 8, 10, 12, 13, 14

U

Universidade Venezuelana 79

Universitários 22, 78, 79, 100, 167

V

Violência 150, 151, 154, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 252, 253

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Editora
Ano 2020

Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2020